

**O
SILÊNCIO
NO
ESPELHO**

— poesias —

Alberto Andrés Heller

ÍNDICE

Outono	04	Entre um átomo e outro	50	Tâmaras	98
Reflexo	06	Partida	51	Quase um soneto	99
O silêncio no espelho	07	Lua de agosto	52	Se	100
Caleidoscópio	09	Por que escrevo	53	Papo de bêbado	101
Espera	10	Deprê	55	Amnésia vital	102
Vozes	12	Suavidade	56	Morte (2)	103
Vida	13	Cadência de engano	58	Hermético	104
Atrás da máscara	14	Zen	60	Loucura	105
O silêncio zune	15	A saudade do eterno	61	Sede	106
Salmo 23	16	Conto	63	Inseticida	107
Análise	17	Visões	65	Nudez	108
Mas eu chorei	18	Se esta rua fosse minha	66	Artificial	110
O que resta	19	Quebra-cabeça	67	Canção do exílio	111
Beijo	20	Cores	68	Consciência	112
Instinto	21	Livre associação	69	Diga	113
Momento	23	Falta	70	Pós tudo	114
Lembrança	24	Quase bucólico	71	Lá	115
Bênção	25	Nada a dizer	72	Carnaval	116
Alienação	26	O som do silêncio	73	Silêncio	117
Pesadelo	27	Relógio	74	Após o silêncio	118
Busca	28	Vertigem	75		
Morte	29	Terra	76		
Rubedo	30	Invenção	77		
Pianos	32	Identidade	78		
Viagem	33	Surreal	79		
Proteção	34	Contemplação	81		
Nuvem	35	Transcendência	82		
No espelho	36	Percepção	83		
Profético	38	Tarado	84		
Paradoxos	39	Arroubo	85		
Meditando	40	Fins e recomeços	86		
Metonímico	41	Relatividade	88		
Chaveiro	42	Ao dormir	89		
Delicadeza	43	Tintura	90		
Outono (2)	44	Poeira	91		
Três momentos	46	Salvator mundi	92		
Os que escrevem	47	Retorno	93		
Apocalíptico	48	Jó	95		
Circo	49	Sonhos	96		

OBSERVAÇÕES

Quase todas as poesias contidas nesta coletânea foram escritas entre 1990 e 2000, correspondendo portanto a maioria delas aos meus anos de estudo de música na Alemanha (1993 a 1998 em Weimar).

Evitei sucumbir à tentação de reescrever as poesias mais antigas, procurando manter-me fiel ao momento em que foram criadas, mudando quando muito algumas pontuações ou separando de outra forma os parágrafos a fim de obter maior clareza.

Propositalmente as poesias não estão ordenadas cronologicamente. Também não estão datadas nem são feitas referências quanto ao local onde foram criadas.

Alberto Andrés Heller

Outono

Melangônico.
Malincônico.
Melanpólico.
Algo parecido com melancólico.
Sim, algo parecido.

Folhas secas – outono:
amarelo, marrom, vermelho.
Sinto saudades de algo que não conheço (ou de que não lembro).

O vento varre a rua deserta.
Vejo o céu azul através das árvores nuas;
sonolento, o sol brilha, pálido.

Me pergunto quantas vezes já não descí por aquela alameda nestes últimos anos.
Uma sensação vaga e inexplicável
de havê-la mais freqüentemente descido que subido.
Ilógico.
Porém verdadeiro.
Aliás, para ser sincero,
não me lembro de ter uma única vez subido pela alameda.
Só descido.
Mãos nos bolsos, chapéu baixo, descendo e descendo.

E de uma certa forma,
puxando agora pela memória,
foi sempre outono.
Ilógico.
Mas tenho certeza que foi sempre outono.
Às vezes estava nublado, outras vezes chovia, às vezes havia sol.
Mas sempre era outono.

Deve ser por isso que eu me admirava
ao ver flores típicas de primavera crescendo nos jardins.
Sempre as olhei como uma espécie de milagre;
sempre tentei decifrá-las,
como se fossem mensagens de anjos
destinadas apenas à minha visão.

Mais admirado porém sinto-me agora,
ao ver uma menina de vestido vermelho segurando um balão da mesma cor
e olhando fixamente em minha direção,
como se estivesse à minha espera,
parada sob a sombra de um grande carvalho,
que para minha surpresa está com suas folhagens cheias, verdes e viçosas,
totalmente esquecido do outono que o cerca.

A menina permanece imóvel; nem pisca.
E não consigo decifrar se há ou não um sorriso em seus lábios.
O impressionante porém é que o balão, apesar do vento cortante,
praticamente não se move.
Ilógico.

Chegando ao carvalho páro-me ao lado dela e espero, sem dizer nada.
Ela solta então o balão,
que sobe lentamente no céu azul.
Acompanho-o com o olhar.
Ao abaixar novamente a cabeça percebo que a menina já não está mais lá.
Olho ao meu redor, mas nada;
não, ela realmente desaparecera.

E só agora percebo
Que sob a sombra do carvalho a temperatura é agradável, de primavera.
Estranho, pois mesmo sob o sol faz frio, o típico frio de outono.
Nunca ouvira falar de sombras quentes.

O balão está agora tão alto que já quase não é mais possível vê-lo.
Penso que, em algum momento, ele terá que descer.
Mas ele não desce: só sobe.
Sobe no céu azul de outono.

E mesmo depois dele já ter desaparecido
continuo olhando longamente para cima,
para o alto,
para o infinito...

Reflexo

o rosto branco contempla o lago
reflete
o
rosto
branco

o tempo
se esquece
de passar

passa em branco

sobre o lago

o
r
o
s
r e f l e t e
o

o reflexo é branco

o lago anoitece

surgem estrelas

o
reflexo
se
apaga

o rosto adormece

O silêncio no espelho

Concentro-me no nada
e a essência dilui-se;
abro mão de mim para encontrar-me,
mas, justamente por ter aberto mão de mim,
não me reconheço mais ao ver-me.
Tento então regozijar-me
na contemplação do silêncio.
- toca o telefone
e o peso volta.
A “vida” volta.
(tudo volta...)

Às vezes quero recusar-me a voltar.
Mas, como já foi dito,
tudo volta,
e também eu devo voltar.
Talvez só com o retorno
advenha a consciência da ida
e talvez a ida não tenha sentido
sem o retorno...
O vai-e-vem causa-me náuseas,
e para curar-me durmo, me masturbo ou faço música.
Passatempos para entreter o tédio da vida.
Não curado do tédio,
concentro-me no nada
e a essência dilui-se.
Regozijo-me na leveza do éter.
Mas é impossível lá ficar
- pois o telefone sempre volta a tocar.

Quero fugir do telefone.
Durmo.
E sonho:
sonho que estou flutuando no éter
- e que o telefone toca.
Sonho então que acordo
e, ao acordar, vejo que ainda estou sonhando.
O sonho de um sonho.
Dois espelhos, um em frente ao outro,
um refletindo o outro,
cada um refletindo o nada.

Concentro-me no nada
(quero transcender o tudo)
e abro mão de mim para,
longe do telefone,
tentar reconhecer-me.
Mas olho então o espelho
e não me vejo,
pois ele reflete o silêncio.

Com olhos de deus
observo minhas entranhas de labirinto,
e triste choro.
Das lágrimas que caem na terra
nascem árvores,
e de seus frutos me alimento.
Saciado durmo,
e, adormecido, sonho.
Sonho que me alimento
e que uma vez saciado durmo.
Tento decifrar o enigma
mas desconcentro-me,
- pois o telefone toca.

Caleidoscópico

meu desejo
que deseja
teu desejo
que deseja
meu desejo:

a valsa da solidão
na sala dos espelhos

Espera

Noite
O sono tarda

Da goteira no teto caem gotas sonolentas
dentro da velha vasilha
e o ruído embala, convidando ao sono
- que porém não vem...

Cinco anos...
Cinco anos de exílio
(também antes era um exílio)

A Terra toda é um exílio
do Paraíso
Uma espera
Uma estação
Um olhar os trilhos que se perdem no horizonte
e apurar os ouvidos na esperança de ouvir o trem
- mas só ouço a goteira, que pinga

Malas
Bagagens
Vida nova
(nova?)
Exílios
Exílios e mais exílios

No exílio é sempre noite
e o sono muito grande
("...grandes são os desertos...")
Grandes são os oceanos
- haverá uma goteira no céu?

Tudo é grande
- menos o exílio
E a Terra, pequena
Uma imensidão pequena
Um zoológico
com fera sonolentas
que não conseguem dormir

Viagens...

Dunas movediças
Aves migratórias
Idas sem volta
Voltas sem ida
Tempo e espaço
enjaulando os leões

Cinco anos esperando pelo trem
para ir de uma ponta à outra
do exílio
Para ir de um lado ao outro
da cama

O sono já não tarda

A noite goteja

A vasilha transborda

Vozes

Silencieiei e ouvi :

ouvi o silêncio,
que era ensurdecedor.

E ele dizia coisas estranhas.

Muito estranhas...

Vida

Ano após ano
Mês após mês
Dia após dia
Hora após hora:
Continuamos

E nos repetimos,
Refeição após refeição
Sono após sono
Coito após coito

Na doce inconsciência
Da rotina

Na feliz tranqüilidade
De quem acha que o que foi feito
Era importante e necessário

D o m e s t i c a m o – n o s

E nos obedecemos

Hora após hora
Dia após dia
Mês após mês
Ano após ano

Atrás da máscara

E quando eu deixar cair a última máscara,
Poderás ainda olhar o meu rosto ?

Conseguirás não perder a razão
Ao contemplar o que está além da imagem?

E se eu permitir que me olhes além das palavras,
Com que palavras me irás descrever ?

E não podendo definir-me,
Como saber se realmente existo ?

Talvez eu seja apenas parte do teu sonho

Ou talvez seja apenas eu
Quem te sonhe sonhando...

O silêncio zune

para Sebastian Roth

Que zumbido é esse em meus ouvidos?
Não, não são besouros: é o silêncio.
Barulhento esse silêncio aqui da Terra, não?

Viajar.
Subir num balão e viajaaaaaaaaaar.....
Descer numa pequena aldeia no Japão
e tomar chá de jasmim
à beira de um regato,
enquanto sobre nós caem as pétalas das cerejeiras.

Primavera.
Sol cálido, entre brumas
- faz pensar em amor.
(ah!, como é bom apaixonar-se...)

Já as árvores não podem viajar;
serão felizes?
Quanto a mim, nem asas nem balões poderão me tirar daqui.

Esta noite atravessei um cemitério:
mil olhos me olharam,
mil ecos ouvi.
O silêncio gritava.

Hoje fiz uma amizade.
Fiquei emocionado.
Creio que, no fundo, perdi o costume.
Agrido para não dar tempo que me agridam.
Abandono por medo de ser abandonado.
(ciúme não é amor, é orgulho)

Agora quando me olho no espelho vejo um homem.
Me alegra ser hoje o amanhã de ontem,
pois ontem eu não era feliz,
e queria que o amanhã fosse hoje.
O presente dura tanto quanto dura um momento.

Gosto de cães.
São tão caninos...
Tenho sono.
O silêncio zune.

Salmo 23

“Ainda que eu ande pelo vale da sombra da morte...”

Não temerei mal algum.
Porque é justamente no mal
que se encontra a minha salvação;
é no vale da morte
que se encontra a redenção humana.

Aos infernos descí.
A descida é dolorosa
- como um parto.

Os monstros da loucura abanaram o rabo
ao reconhecer-me;
afaguei-lhes a cabeça e,
sem esperar por Caronte,
atravessei a nado as águas escuras.
A lama;
a podridão;
os odores fétidos...

Até à cabeça afundei
nas fezes da alma
e quanto mais clara não foi então
a visão de Deus!

No inferno foi que o encontrei,
não no céu.
No céu encontrei sua casa,
seus móveis,
suas fotos.
Mas Deus mesmo
encontrei foi no inferno.
Ao afundar.
Porque é descendo que se sobe (Arquimedes).
É matando que se salva.

Alegrai-vos, ó povo de Israel!
Mas não com a pomba,
e sim com as fezes da pomba.
Exultai no esterco!
Louvai os ânus!
Ride na fogueira!
Dançai sobre as cinzas!
Aleluia!!
ALELUIA!!!

Análise

O psicanalista esperava pela resposta do paciente.

O paciente porém estava cansado de pensar.
O único que sabia é que havia sonhado com trovões.

*“Que diabos estou fazendo aqui?
Não lhe direi mais nada;
em primeiro lugar porque não tenho vontade,
em segundo lugar porque não tenho o que dizer.
Que estará pensando ele sobre o meu silêncio?
Acho que vou embora, não tenho nada a fazer aqui.
Mas que saco, por que ele não diz nada?
E afinal, se ele não diz, por que tenho eu que dizer alguma coisa?”*

O psicanalista esperava pela resposta.

*“Não preciso contar tudo; afinal, isto aqui não é um confessionário!
Por outro lado, também nada me impede de falar:
Ele é confiável, é um amigo.
- Não, não é um amigo: é um médico, um profissional.
- Não! Não é um profissional, é um sádico!”*

O psicanalista esperava.

*“Onde estou? Quem sou eu?
Por que é que ele não fala?
E por que é que ele nunca responde, só pergunta?
Droga, preciso sair daqui.
Aliás, pensando bem, sempre saio pior que quando entro.
É, não vale a pena.
Por que é que ele espera tanto?
Afinal, quem é esse cara aí na minha frente?”*

O psicanalista.

O paciente tira do bolso um revólver
e o aponta para o psicanalista.

O psicanalista dorme (estava cansado de pensar).

O paciente espera.

Cansado de esperar, se mata.

(O psicanalista sonha com trovões)

Mas eu chorei

Esta noite sonhei com teu corpo:
nele eu deslizava meus dedos, tenro,
e a cada toque tua pele se arrepiava;
vendi-te os olhos e comecei a beijar-te toda,
nas costas, no pescoço, nas pernas, nos dedos, nos seios,
sempre dando pequenos intervalos de tempo,
para que cada beijo fosse uma nova surpresa,
e tu gemias de prazer, e nossa respiração se acelerava.

E então te matei,
e teu sangue escorreu até fazer uma poça no tapete.
Fiquei observando calmamente a cena, ainda sentado sobre as tuas nádegas,
que começavam aos poucos a ficar frias e duras.
Afaguei teus cabelos, tenro,
e cantei uma canção para te ninar.
E tu, adormecida, sonhavas que eu te acariciava.
Não sentiste o úmido das minhas lágrimas
porque elas caíram sobre teu sangue já molhado.
Mas eu chorei, ah, como eu chorei!...

O que resta

De que servirão as palavras
se elas não te ajudarem
a vivenciar o
silêncio ?

Pois tirando tudo
restamos apenas
nós.

E o que somos
nós senão

silêncio ?

Beijo

boca

lábios

língua

dentes:

em tua umidade,

na troca de líquidos

molhados

e quentes:

em ti

Instinto

(a Yukio Mishima, *in memoriam*)

Porque a caneta não substitui a espada,
Nem a tinta substitui o sangue.

Lutei por tanto tempo...
Lutei por ser racional,
lutei por controlar meus desejos,
disciplinar meu instinto
e acalmar meu coração.
Foi uma luta longa e difícil;
tive que negar-me, contrariar-me,
lutar comigo mesmo
para transformar-me naquilo que eu não era.
E ao fim, pensando que iria olhar-me no espelho
e apreciar orgulhoso um novo homem, um homem superior,
decepcionei-me: vi apenas um homem triste, com o olhar desgastado.
Vi a sensação de haver passado pela vida;
a sensação de ter vivido a vida somente pela metade.

Pensando bem, creio que só me senti verdadeiramente feliz
quando dei vazão aos meus instintos mais básicos;
só me senti pleno
quando dei por satisfeitas minhas vontades mais animais.
Só então é que me senti vivo.
O animal.
Não o idiota comportado que estuda oito horas diárias
para investir em sua carreira,
não o idiota que lê dúzias de livros
para sentir-se intelectualmente superior.
Não.
É o animal que sente a vida.
É no animal que corre sangue quente.
Porque as filosofias e as religiões se esqueceram do básico:
esqueceram que, mais que espírito, somos animais.
Nos excitamos com cheiros;
exultamos sobre o sangue alheio;
odiamos os estranhos;
fugimos dos mais fortes
e tiranizamos os mais fracos.
Procriamos como animais,
comemos como animais,
dormimos como animais.
Uivamos para a lua cheia;
cortejamos as fêmeas.

Fêmeas.

Olho para ti e arranco as tuas roupas;
encho a minha mão com teu sexo,
cheiro e lambo meus dedos cheios de ti;
nos amamos, comemos algo, dormimos exaustos.
E sonhamos com outros.
Porque os animais não têm moral.
São fiéis ao seu instinto – essa é a sua moral.

Já nós, nós queremos ser deuses.
Por isso ignoramos nossos instintos.
Doce ilusão... ao Olimpo não chegaremos
- faltam-nos as asas para isso.
Sem asas e sem instinto vagamos perdidos
numa espécie de purgatório;
um purgatório sem as delícias do céu e sem as delícias do inferno,
um purgatório sem Deus e sem Diabo,
um purgatório de saudades e incomplitude.

Mas agora basta: agora eu quero mergulhar.
Quero mergulhar fundo, de cabeça.
Quero abraçar as árvores e lambar as pedras,
quero beber urina, esperma e sangue.
Quero sentir o gosto da vida.
Quero sentir a essência da essência.
E a essência não está nos livros:
está no sangue;
está no hálito quente das feras;
está nos lábios vermelhos da moça que passa.

Momento

num quarto de hotel
entre quatro paredes
- o tempo estagnado

Lembrança

O futuro passou
e as rosas da vitória
já começam a murchar

O que antes era sonho
agora é lembrança
e só as fotos confirmam
que o que aconteceu foi real

Todo o esforço
se desvaneceu no vento
e restaram apenas
mais cabelos brancos
e um olhar mais profundo

Um instante que passa
- ah!, o mistério do tempo –
areia que escapa por entre os dedos

O perfume que uma flor empresta a um verão
- ah!, a magnificência do efêmero!...

Benção

Seu vestido longo de festa deslizou, azul,
formando um lago no qual me atirei.
Nadei nele um ano inteiro até chegar à outra margem.
Chorei de alegria ao tocar a areia quente,
que ao meu toque se transformou em dois enormes seios
pelos quais escalei até chegar à lua.
Lá instalei meu guarda-sol
e me deitei para dormir um pouco.

Ao acordar estava num enorme campo florido:
flores até o horizonte, flores flutuando no céu,
caindo sobre mim e acariciando-me a pele branca.
Voei então até uma colina onde, fincada na terra,
uma cruz de madeira marcava um túmulo.
Ajoelhando-me, beijei a cruz,
que se encheu de luz.

Um leão se aproximou de mim e permitiu que eu o acariciasse;
abraçei-o forte, grato por seu cheiro de fera.
Nele aninhado, adormeci novamente.

No meu sonho havia morrido,
e uma menina-anjo me beijava a testa.
Sorri, e abençoei
o sol que se levantava.

Alienação

Sou o que quero ser
Mas quero ser o que não sou
E por isso sou o que não sou :

sou a falta
sou o desejo
sou o futuro

Sou a realidade virtual
um vir-a-ser

Me procuro cada vez mais longe
E nessa busca, me perco

Pesadelo

Como lavas brancas
Escorre meu sêmen sobre tuas coxas
Congelando-se em estalactites polares
Brincos de diamante
Com os quais cortas as lentes dos meus óculos
E me vazas os olhos
Me pões uma coleira
E me amarras no canil
De vingança uivo a noite inteira
Apagas a lua
Mas cego que estou, continuo
Resolves sacrificar-me
E me apontas um revólver
Quando aparece o Godzilla e te devora

Busca

Meu olhar procura

Olha

e

pr**O**cura

In

can

sa

vel

men

te

em

B
U
S
C
A

de

algo

que

esteja

além

de

S E R

meramente

aLGo

Morte

Era ela contra o vazio,
o vazio contra ela.
De cima do edifício
observava a noite sob seus pés,
vinte andares mais abaixo,
vinte andares acima do solo;
equilibrista
na corda bamba entre duas forças.
E só quem já subiu nas alturas e assomou-se a um parapeito sabe
da força, do fascínio e da sedução provocados pelo
nada.
A ação da gravidade faz-se proporcional ao medo
e o desejo de morte proporcional à vontade de renascer
- combinação perigosa para quem está nas alturas.
O convite é doce.
E fácil!
De uma facilidade impossível de se resistir.
Apenas um passo e...
Não, ainda não!
A sensação de poder sobre a vida e a morte
deve ser ainda mais um pouco saboreada.
Ela acende um cigarro, senta-se;
joga os cabelos para trás e olha o céu:
mil estrelas,
lindo!
Pela primeira vez em muito tempo ela não tem pressa.
Por que ter pressa, se a decisão depende somente dela,
se o destino está sob seu controle?
E além do mais, ela já está morta!
E qual é o morto que tem medo da vida?
Ela dá uma gargalhada.
E desce – mas de elevador.
Dos passageiros, ninguém repara
que está viajando com uma morta.
Se eles soubessem!...
Chegando à rua
ela começa a fazer todas as coisas
que como viva jamais tivera a coragem de fazer:
dá cambalhotas no meio da calçada,
mostra a língua a uma senhora mal-humorada,
rouba um pirulito de uma banca de doces;
sobe então numa colina, acende outro cigarro
e espera pelo nascer do sol.
Que coisa maravilhosa é a morte!!!

Rubedo

Eu sangro

Meu corpo sangra

Minha alma sangra

Em gotas vermelhas

Caio sobre a terra negra

Em rosas vermelhas

Sangro meu perfume

Sobre a montanha escorro

Em lavas efervescentes

Céus e águas ardem em chamas

Meus cabelos queimam ao calor do vento

O coração da Terra pulsa

E sangue brota por todos os meus poros

Quente, úmido, vermelho

escorrendo

borbulhando

Gritando de vida
Latejando de vida

agonizando

o martírio dos santos

Sangrando
Chorando (sangue)

ao meu lado o anjo a morte

S
O
B
O E S P Í R I T O S A N T O
E

M
I
M

Meu corpo se desped a ça

A Lua goteja (meu sangue)
meus lábios se contorcem
num largo sorriso branco

meu grito de loucura

ensurdece

a Criação

Pianos

Pianos.
Dúzias deles.
Negros, maciços,
caudas longas e insinuantes,
rastejam na escuridão e
espreitam desde seus esconderijos, selvagens,
esgueirando-se invisíveis atrás de árvores e arbustos.
Finalmente caçados,
são levados e trancafiados em teatros.
Enjaulados, ficam à mercê dos olhares curiosos do público
enquanto domadores de fraque os enfrentam, temerosos,
arriscando suas mãos em suas mandíbulas brancas.
Findo o espetáculo, todos se vão.
Fica a fera, só,
contorcendo-se em mudos soluços de banzo.

Viagem

De janela do trem
observo a chuva.
Observo como ela chove,
molhada,
unindo languidamente
o céu à terra:
uma escada d'água
pela qual meus pensamentos sobem
nadando
e escorregam de volta,
molhados.

O trem se move,
a chuva chove;
a terra bebe,
eu adormeço.

A chuva entra pela janela
e molha meus sonhos.
À minha volta peixes dourados lêem jornal
enquanto o polvo dirige a locomotiva.
Não tenho vontade de ler o jornal;
relaxo e contemplo a paisagem.

Proteção

Se deixo a proteção das minhas máscaras
enlouqueço ante o absurdo do nada.

O infinito do céu azul machuca meus olhos
e minha própria vida perde o sentido
como uma palavra mil vezes repetida.

Apenas a segurança da ilusão me sustém
E não convém portanto pô-la em dúvida.

(feliz daquele que vive sem ter a consciência
de estar vivendo)

Nuvem

Café-da-manhã
dia ensolarado

no meu café
vejo o reflexo do céu
onde paira uma nuvem branca

bebo a nuvem
e leve flutuo

subo, subo muito
e com o vento vôo para longe

vôo acima das árvores
vôo acima do mundo
vôo acima de mim

vôo além do tempo
vôo além do ser

e já não sou mais eu
quem agora voa :
sou apenas nuvem

uma nuvem branca que,
flutuando,
passa

No espelho

Lembrei-me de Nietzsche:
“devemos tornar-nos aquilo que somos”.
E quem sou eu?
Olhei-me no espelho, e lá havia um estranho.
Entristeci e baixei o olhar.
Onde estou?
Quero dizer, onde está meu eu?
Que olhos procuro, se é que os meus não bastam?
Reergo o olhar e observo mais a fundo,
tentando ver o não visto,
ver o que passou despercebido,
ver aquilo que esse tempo todo deixei de ver,
que esteve sempre aqui mesmo,
tão presente mas tão oculto.
Não vejo.

Suspiro e fecho os olhos.
Ouço a música que vem do toca-discos.
Lembro-me de ti, que nunca conheci mas sempre sonhei.
Onde estás?
Se não consigo nem sequer encontrar a mim mesmo
como então posso pretender encontrar-te?
Abaixo o olhar e, novamente, entristeço.

Lá fora a noite está escura, e eu me sinto tão só...
A consciência da vida é algo para a qual o animal não está preparado.
Deram-lhe um espelho
e ele não sabe o que fazer com a imagem que vê.
Por isso a imagem é triste:
ela viu a si mesma e descobriu-se só.
A imagem é solitária
porque só vê a si própria refletida.
O encontro final nos remete novamente ao início:
ao igualar a imagem, anula-se o ser.
A culminância da matéria é transformar-se em antimatéria;
todo apogeu está grávido de declínio,
toda morte está grávida de vida.

Volto a prestar atenção na música:
tão doce, tão romântica...
Me impele a olhar ainda uma vez mais para o espelho.
Oh Deus, sinto-me tão só!
E como não sentir-me só
se para onde olho só vejo a mim mesmo?

Fecho os olhos e ouço que lá fora começa a chover.
Chove forte, o ruído é calmante;
imagino a terra molhar-se.

Água.

Dizem que foi na água que a vida começou.

Choro.

A lágrima escorre,
e também nela vejo minha imagem refletida.

Será impossível livrar-me dela, da imagem?

Talvez um tiro na têmpora!

Mas até mesmo na gota de sangue eu veria meu reflexo...

Talvez só o amor nos distraia dessa obsessão.

Talvez.

Talvez buscar-se a si mesmo, buscar a essência, seja um erro.

Talvez para descobrir o que há dentro de nós
devamos olhar para fora.

Talvez não haja nada para se ver lá dentro.

Apenas solidão e loucura.

Para ser não preciso ver.

Para entender não preciso olhar.

A minha essência,
essa não verás em nenhum espelho.

Profético

(E eu vos prometo:
chorarão lágrimas de sangue,
e as pedras voltarão a ser frias
sem a loucura do teu olhar)

O momento máximo do amor
é quando o matamos.
A brincadeira das crianças na praia só termina
com a destruição ritual do castelo de areia.
O rito do sacrifício é sagrado;
toda mão que acaricia há de matar.
Destruímos o que amamos,
tornando-nos assim aquilo que odiamos.
O universo é curvo, os opostos se encontram;
quanto mais Fausto tenta se completar
mais falta ele se torna.

(E eu vos prometo:
arrancarão os olhos para não mais falar,
taparão a boca para não mais ouvir
e furarão os ouvidos para não mais ver,
pois, confusos, teus sentidos não mais te servirão.

Mas virá então um anjo azul
e consolará o teu coração vermelho.
E dormirás finalmente um sono tranqüilo)

Em verdade, em verdade eu vos digo:
um réquiem é ouvido não pelos mortos a quem se destina,
mas sim pelos vivos.
Amém.

Paradoxos

Cada vez que estou a ponto de encontrar

- *me assusto !* -

e volto a procurar

A busca me protege do encontro

A viagem me afasta do objetivo

Quanto mais percorro o caminho

mais longe fico

Só encontro quando não procuro

Só recebo quando não desejo

Só ouço quando não falo

Meditando

Inspiro

Expiro

Inspiro

Expiro

Respiro

Inspiro

Expiro

Inspiro

Expiro

Suspiro

Piro?

Vivo?

Rio?

Inspiro

Expiro

Inspiro

Expiro

Reparo

Chaveiro

Seu despertar foi lento:
abriu primeiro um olho,
depois o outro,
e somente trinta anos mais tarde
o terceiro,
fato que, pela falta de costume,
provocou-lhe fortes dores de cabeça.

Ao procurar um oftalmologista,
este imediatamente receitou a amputação
daquela anomalia excedente,
alertando ainda: “risco de cegueira
por excesso de visão”.

Acostumado a não discutir,
aquiesceu.

O olho retirado,
mandou empalhar,
e hoje o usa como chaveiro.

Delicadeza

Sim, pois ao fim

o que resta senão a delicadeza ?

Morrer ouvindo uma bela canção...

Morrer com um sorriso nos lábios

e os olhos levemente umedecidos de lágrimas,

olhando já sem ver.

Sentir então o maravilhoso calor da luz,

a energia quente que tudo rodeia;

sentir-se plenamente integrado à natureza

e olhar o próprio corpo que fica,

sem alegria nem pena.

Atravessar novamente a ponte...

Mas, por favor, que seja com uma bela canção.

Pois, ao fim,

que resta senão a delicadeza ?

Outono (2)

Com passos lentos e distraídos,
assim como quem não tem rumo nem horário de chegada,
andava eu pela alameda,
imerso em pensamentos,
só.

Passados alguns minutos, interrompi
– nem sei mais por que – minhas divagações,
e reparei que já há algum tempo um certo ruído me acompanhava.
Ouvindo com mais atenção, descobri que o ruído vinha de sob meus pés,
e ao olhar para baixo vi que estava pisando sobre folhas secas, amareladas.
Só então reparei nas árvores, e no vento,
que depois de vários meses tornara-se de repente frio e cortante.
Também o céu havia se transformado como que por encanto,
e agora mostrava-se espesso e cinzento.
Meu Deus, o outono havia voltado, e só agora é que eu me dera conta.

Outono...

Todo ano ele volta, quieto, sábio, profundo.

A cada ano um outono.

Eu o ouço. Sim, posso ouvi-lo!

Seu silêncio é espesso e aveludado, sente-se-o na pele.

É um silêncio sussurrante, que fala ao ouvido imagens incompreensíveis, e,
como uma canção de ninar, convida ao sonho.

É um baú infinito, aberto depois de uma eternidade.

Sabe-se que é outono

quando nos vemos tentando recordar de algo esquecido.

Um rosto? Um lugar? Uma outra vida?

Quem sabe?

Só sei que, por não poder recordar, procuro.

Contemplo as coisas e as pessoas por longo tempo, procurando.

Procurando o que?

Não sei, é algo esquecido...

Mas que em algum lugar de mim deixou um resto de memória;
uma memória sem imagens, sem sons nem cheiros,
mas que lembra, e cuja lembrança dói.

E quanto mais dói, mais procuro,

e quanto mais procuro, mais percebo sua falta

e mais vazio me sinto.

É um vazio frágil, frágil com uma folha de outono,
que a qualquer momento pode ser levada pelo vento.
Sim a vida é frágil,
e meus passos a esmo pela alameda só certificam esse fato.
Sozinho e perdido.
Onde está tua mão?
Onde estás, que me fazes falta?
Estarás em outro planeta, fazendo-te as mesmas perguntas?
Eu te procuro;
(talvez, quem sabe, apenas na esperança de encontrar a mim mesmo)
pois me sinto vazio, amarelado e seco,
e não é a primeira vez que isso acontece.

Quantas vezes terei ainda que morrer?
Quantos outonos estarei ainda a tentar relembrar aquilo que esqueci?
Não sei.

Suspiro,
ponho meu casaco,
enfio as mãos nos bolsos
e continuo meu caminho.

Três momentos

I

O dia amanheceu azul
e no céu ainda se podia ver a lua e algumas estrelas;
como diamantes brilhava o orvalho na vegetação verde viva
enquanto o sol surgia majestoso no horizonte;
a ele abri meus braços, respirando profundamente sua luz

II

Da minha cadeira de balanço
levantei os olhos ao céu poente,
cheirando mais uma vez a rosa vermelha em minhas mãos,
e a terna carícia da brisa
me fez adormecer suavemente

III

(Sursum corda)

Naquela noite de luar
caminhei sobre as águas,
e meu coração se encheu de alegria;
cantaram aves diurnas;
peixes dançavam sob meus pés

Os que escrevem

Escrever não é preciso
- então por que escrevo?

Solidão e vaidade.

O tédio triste
dos mergulhadores do espírito.

Navegantes perdidos
enfrentando mares desconhecidos
em suas naus de loucura;

domadores de letras,
equilibristas de pensamentos,
mágicos de realidades:

a lucidez onírica
dos que acordados sonham.

Os que carregam a Lua
em pleno dia.

Os que pronunciam em voz alta
seu silêncio.

Apocalíptico

Toda pompa morrerá
Toda vaidade morrerá
Todos os impérios cairão
Toda fortaleza cairá

Não restará pedra sobre pedra
- até a arte morrerá

E restaremos apenas nós

E nos olharemos,
sem ter o que dizer

Cairá então uma lágrima dos teus olhos
e com tua mão a enxugarás
e a levarás aos lábios
e verás que é salgada

Isso te lembrará o mar
e pensarás que meus olhos são o oceano
e que tua imagem neles refletida é um barco
navegando no infinito

De mão dadas caminharemos em direção ao sol
e nos consumiremos em suas chamas

Transformados em raios de luz
iremos então aquecer os rostos de dois amantes
que se banham, nus, nas praias
de algum planeta distante

Circo

Uma mágica!!!

s
o s s s
h o o e
l ç b r
e n m o
o e o l
c l p f

Avestruzes dançam can-can

Leões pulam do trapézio

Perigosos domadores enjaulados tentam engolir um tigre

A tartaruga, sobre pernas de pau, já nem se vê, tão alta está

Girafas plantam bananeira, enquanto

Os elefantes vendem pipoca

A menina porém adormece

E sonha com o dia em que será uma grande advogada

A realidade

Ah, a realidade...

Entre um átomo e outro

Entre um átomo e outro:
mil mundos!
Entre um segundo e outro:
eternidades.
Ver onde antes parecia não haver nada:
a educação última do olhar.

A liberdade infinita
que antecede cada gesto;
o instante sempre virgem
do tempo que vivemos;
a vida sempre mágica
- cartola de onde nos tiramos.

E o amor.

E, é claro,
a morte:
passagem de um átomo a outro
- mil mundos.

Partida

Ele pôs o disco e sentou-se em sua poltrona.
Estava em paz.
Em paz como há muito tempo não se sentia.
Olhou pela janela, embaçada pelo frio intenso do lado de fora,
e achou bonito o reflexo das luzes
que os faróis dos carros produziam contra o vidro.
De alguma forma, aquele jogo de cores combinava bem
com o *quarteto de cordas de Debussy* que estava ouvindo.
A cena toda era extremamente calma, tranqüila, nostálgica.
Começou a ter saudades de algo que não sabia definir bem o que era.
Um belo momento para se morrer, pensou.
Sentiu então um amor imenso por algo que também não soube definir.
Mas esse não saber não o preocupou:
sentia sua solidão povoada de repente.
Olhou a seringa, que já há tempo jazia largada no centro da mesa.
Pegou-a e começou a brincar com ela, passeando-a entre os dedos,
olhando-a demoradamente contra a luz.
Porque não?
Pôs nela a quantidade que, tinha certeza, seria fatal.
Estava calmo.
Calmo como há muito tempo não se sentia.
(Agora o que soava era a *Pavane de Ravel*)
Injetou o líquido morno lentamente.
Pensou em seus pais, em seus irmãos,
pensou nas mulheres que amou e em seus amigos.
Sorriu um sorriso triste,
fechou os olhos
e entregou-se à música.
Sabia que não iria demorar muito.
Agradeceu a Deus pela vida tranqüila que tivera.
Lágrimas lhe umedeceram as faces.
Estava sereno.
Serenos como nunca antes estivera.
(Soava agora um *prelúdio de Bach...*)

Lua de agosto

para minha grande amiga Mônica Infante

Hoje a Lua, de tão brilhante,
confundi até à rosa, que
sem querer se abriu no meio da noite.

Além da rosa abriram-se também teus olhos,
até agora cegos por tantos sóis
no céu da tua mente.

R e f l e x o s o x e l f e R

Pois como seria possível ver o próprio rosto,
senão num espelho?

A luz do sol machuca meus olhos,
mas quão suave é seu reflexo na lua...
Quão suave é o reflexo da luz
em cada gesto da tua dança;
quão suave é o reflexo do som
na dança de cada um dos teus gestos...

E se é verdade que pelos seus frutos se reconhece a árvore,
sei agora então porque, enquanto danças,
vejo luar saindo das pontas dos teus dedos.

Bailarina cósmica:
em cada um dos teus músculos
se reflete uma estrela.

E enquanto isso,
a rosa exala seu perfume na noite mágica,
e como é maravilhoso o som que isso produz!

Sursum corda!!!

Por que escrevo

Eu tentei,
juro que tentei!

Se escrevo, é porque não encontrei
o que, tão sofregamente, procurava
para ler.

Busquei em vários livros, em vários autores;
desesperadamente folheeí suas páginas,
tentando em vão encontrar alguma passagem
que me falasse à alma,
que me redimisse,
que me ajudasse a transformar em palavras
aquela sensação forte que me invadia o peito.

Em vão busquei além de mim
algo que falasse de mim.

Não me compreendam mal:
não era um espelho o que eu procurava,
mas alguém que, lúcido por ver de fora,
me ajudasse a compreender-me.

Bem, não encontrei,
e agora aqui estou,
eu comigo mesmo,
eu com minhas emoções,
enjaulado junto a elas
sem chicote nem cadeira;
elas me olham, oblíquas,
e não sei se as beijo ou se delas fujo.
Daniel na cova dos leões.

Elas crescem, se multiplicam, se transformam;
cercam-me, de forma que não há saída.
Me obrigam a sentir-me,
e é disso que tenho mais pânico:
de admitir e viver minha existência.
Por isso buscava as palavras: para ter a distância segura
do observador fora da cena.

Estar dentro é perigoso.
Viver é perigoso (G.R.).

Sem o chão de letras
caio
vertiginosamente – como Alice –
no país da insanidade.

Lá está cheio de loucos
que dizem o que pensam
e fazem o que querem;
que têm a coragem de ser o que são
e não pensam duas vezes antes de sê-lo.

Nesse lugar gatos e chapeleiros tomam chá,
enquanto eu me preocupo
com o que os outros podem estar pensando de mim.

Quem é afinal o louco?

Deprê

Calma, preciso me acalmar.
Estou só um pouco nervoso,
angustiado, deprimido e estressado.
Tome um calmante e uma caipirinha.
Ou duas.
E depois ligue para...
Como é mesmo o nome dela?
Tanto faz, ligue para uma prostituta.
Ou um travesti.
Ou os dois.
E enquanto eles não chegam encomende uma pizza.
Não, melhor não, preciso emagrecer.
Já sei: vou finalmente terminar de ler o *Ulisses*.
Não, acho que não.
Bom, eu também poderia
- não, melhor não.
Acho que vou para a cama.
De novo.

Suavidade

A música soa suave
muito suave
Harmonia e cores
Perfume e luzes
Caleidoscópio
No quarto ao lado alguém tosse
- tuberculose...
A noite já vai alta, escura
a música flutua
o vinho tinto já surte efeito
no centro da mesa, flores e incenso
ao fundo, quadros na parede
Harmonia, suavidade
- e no quarto ao lado alguém está morrendo
Mas a música soa suave
embala e conforta
Sinto que de alguma forma
também eu estou a morrer
Morro, morro, morro
e a música soa
suave
Tomo vinho e contemplo as flores
suave
e continuo morrendo
suave
dois mundos que se tocam
duas realidades que convivem
- ou con-morrem?
Acendo um cigarro
e a fumaça sobe lenta
suave
e se mistura com o incenso e com as flores
Mais tosse
- *La Bohème?*
O gato pula no meu colo
e começa a brincar com a caneta
- é difícil escrever assim
Acaricio seu pêlo suave
e em agradecimento ele ronrona
e fecha os olhos
Também eu fecho os olhos
e penso em todos os prazeres da Terra

em toda a vida que se possa dar à vida
em toda a vida que se possa dar à morte
em toda a música que se possa dar ao silêncio
Hoje ouço a morte no quarto ao lado
amanhã será o meu vizinho quem me ouvirá tossir
e depois de amanhã será o vizinho do meu vizinho a ouvi-lo
Mas lá fora, na rua
sempre há uma criança a brincar
e a correr atrás de uma bola
Seus gritos entram pela janela
e se misturam ao perfume das flores murchas
Não penso em convidá-la a visitar-me
bolas entornam copos de vinho
e derrubam vasos de flores
Mas agora é noite
e a criança dorme
No meio da noite só se ouve meu silêncio
e a tosse do moribundo ao lado
Abençô-o, pois ele me faz lembrar que estou vivo
Seu som de morte me faz lembrar não apenas que vivo
mas que *ainda* vivo
Um prelúdio antes da fuga
um prelúdio suave
- Bach, prelúdio e fuga em si bemol menor do primeiro caderno
A fumaça do cigarro mistura-se
lenta
à do incenso
Prelúdio para tuberculose e cravo
Olho as rosas vermelhas ao lado das brancas
e imagino gotas de sangue no lençol branco
vinho tinto no pêlo alvo do gato
um acorde de ré bemol atravessando a cortina de fumaça
Imagino o balão vermelho que a criança lá embaixo deixou escapar
e subiu aos céus
suavemente
muito suavemente

Cadência de engano

Por uma estrada de pedras caminho.
Caminho por uma estrada de pedras.
O calor é intenso: suo.
Olho para baixo
e vejo as pedras por sobre as quais eu ando:
são cinzentas, velhas, empoeiradas; todas parecidas, todas diferentes.
Por essa estrada de pedras eu ando,
e sinto o volume de cada pedra por sob a sola fina dos meus sapatos.
Meus pés doem, estou cansado: a estrada é mais longa do que eu pensara,
e eu não calculara que o sol estaria tão quente nem as pedras tão duras.
Mas enfim, continuo, e vou observando as pedras do caminho.

Lá, ao longe, vejo um campo verde.
Lá termina a estrada de pedras.
É para lá que leva a estrada de pedras, e é para lá que eu me dirijo.
Olho agora fixo para o campo verde, e tento assim esquecer
das pedras cinzas e duras que machucam meus pés.
Quando eu chegar ao campo verde, estarei bem.
Lá não doerão mais os meus pés, e lá haverá sombra.
Sorrio ao pensar nisso e continuo meu caminho.

* * *

Ando por uma estrada de pedras.
Por uma estrada de pedras eu ando.
Ao fim dessa estrada de pedras há um campo verde
e quando eu chegar ao campo verde estarei bem,
pois lá não doerão mais os meus pés
e lá haverá sombra para proteger-me do sol quente.
Lá serei finalmente eu; lá serei feliz.
Agora não sou feliz.
Caminho mais rápido,
a fim de encurtar o tempo que falta para encontrar-me,
mas o campo verde não chega nunca.

Procuro concentrar-me novamente no caminho,
para ver se com isso ele passa mais depressa.
Olho fixamente as pedras sobre as quais eu ando,
e fico surpreso ao encontrar nelas uma certa beleza
que até agora me havia passado aparentemente desapercibida.
Tateio as pedras com o olhar: sinto-lhes a forma, a silhueta,
como uma se encaixa na outra, mesmo sendo tão diferentes.
Percebo que o pó que as recobre empresta ao caminho um ar melancólico,
nostálgico, um certo romantismo já passado,
que agora volta só para os meus olhos.
Descubro que o caminho é mais bonito do que eu pensara.

* * *

Pelas pedras do caminho prossigo;
prossigo pelas pedras do caminho,
sempre em frente.

Por sob os meus pés as pedras duras,
por sobre a minha cabeça o sol ferrenho.
Suo.

À minha frente, longe, vejo um campo verde:
é para lá que eu estou indo, pois lá repousarei;
lá estarei confortável, à maciez e sombra do arvoredado.
Lá estarei bem.

Agora não estou bem.

As pedras do caminho são duras e machucam os meus pés,
e o sol queima minha pele e provoca minha sede.
Meu cansaço aumenta cada vez mais, e cada vez mais longe
parece estar o campo verde.

Mesmo assim continuo, pois sei que, se continuar, um dia chegarei lá.
Suspiro, e prossigo pela estrada de pedras.

Passado certo tempo, paro;
começo a duvidar da beleza do campo verde à minha frente,
e nem sequer a imaginária beleza das pedras me consola mais.
Constato, desacreditado e vazio, que nem o campo verde
nem o caminho de pedras
me motivam a seguir adiante.

Suspiro novamente
e entro à direita na primeira ruela que vejo.
Sem motivo algum.
Sem procurar por mais nada.
Também lá o caminho é de pedras,
e por essa nova estrada de pedras
prossigo minha jornada.

Caminho novamente por uma estrada de pedras,
mas não penso mais a esse respeito.
Meu olhar é baixo e triste.

Passa-se assim algum tempo.

Quando de repente ergo o olhar,
e vejo à minha esquerda

uma flor amarela.

Zen

Chá quente no *inverno*

Chá gelado no **verão**

O mistério de estar

Sempre sendo

O que se é

A Saudade do Eterno

A saudade do eterno
me faz olhar para o além
assim como quem quer ver através das coisas

A saudade do eterno
me faz olhar longamente
assim como quem tenta ver a essência
escondida por detrás da matéria

A saudade do eterno
me faz olhar com atenção
assim como quem procura algo perdido
- ou quem sabe apenas esquecido

A saudade do eterno
me faz olhar o céu
em busca de anjos
e me faz ouvir o silêncio
à procura da voz dos anjos

A saudade do eterno
me faz olhar para mim mesmo
na tentativa de descobrir dentro de mim
a verdade que fora não encontro

A saudade do eterno
me faz tentar olhar de olhos fechados
na esperança de ver com o coração
o que aos olhos permanece vedado

A saudade do eterno
me faz pegar uma caneta
e ficar longo tempo contemplando
a folha de papel em branco à minha frente,
querendo escrever algo
que no entanto não é possível transformar em palavras

A saudade do eterno
me faz querer dizer o inexprimível
que por não poder porém articular-se nos lábios
deixa um nó na garganta

A saudade do eterno
me faz escalar montanhas
achando que lá no alto
estarei mais próximo daquilo
que eu antes tão distante estava

A saudade do eterno
me faz procurar no amor
a metade perdida de mim

A saudade do eterno
me faz abandonar o amor
na esperança de encontrar algo ainda maior,
algo ainda mais intenso e profundo,
quem sabe um outro eu que esteja porém em mim mesmo
e não no outro
- e entretanto continuo procurando o outro

A saudade do eterno
me faz extrair sons do silêncio

A saudade do eterno
me faz extrair silêncios do som

A saudade do eterno
me faz preencher o vazio
e esvaziar o cheio,
fortalecer o fraco
e enfraquecer o forte

A saudade do eterno
me faz querer transcender,
me faz querer ver o invisível
e ouvir o inaudível

A saudade do eterno
me dá uma eterna saudade
uma certa melancolia adocicada
um certo ar de sonho
um certo toque de outono
onde as folhas caem
e voam com o vento

Abri os olhos mas só vi escuridão.
Cercado de nada e assustado pela falta de imagens
apavorei-me
e, esquecido da sede,
voltei à tona.

As peças do quebra-cabeça rompido voltaram a se encaixar,
refazendo meu rosto sedento sobre as águas escuras.
Para esquecer da sede que me atormentava comecei,
timidamente a princípio mas ganhando força aos poucos,
a contar o conto do contador de histórias que acordou um dia sem histórias para
contar e que por isso...

Visões

abri os olhos
mas a visão continuou oculta

o ar é um véu espesso
selva impenetrável
labirinto cheio de feras
e tesouros escondidos
onde para poder orientar-se
é preciso uma bússola só com nortes
e um mapa em branco
escrito em tinta transparente

levantar o véu e beijar a noiva
que paciente espera no altar
segurando um bouquet de couves-flor

visões

(ondas altas
que inundam a praia)

lembranças de algo futuro

sonhos
de vidas passadas

momentos
que flutuam no ar
noturno

Se esta rua fosse minha

Se esta rua fosse minha...

Sei lá o que eu iria fazer.
Mas acho que não mandaria ladrilhar não.
(Por acaso vocês têm idéia do quanto está custando
o metro quadrado de um bom ladrilho?)

Aliás, acho que destruiria a rua;
Deixa-la-ia inacessível,
para o meu amor nunca mais sair da minha casa;
para que ninguém mais viesse à nossa casa.

Uma vez ilhados, consumir-nos-íamos
até o êxtase final.
E anos mais tarde,
ao desbravar aqueles bosques,
nos encontrariam:
dois esqueletos sorridentes.

Quebra-cabeça

O

SOM

IDÉIA

A

PREENCHER

A FALTA DE

DE

NÓS

VOCÊ

PRAZER

DESEJO

E

Cores

O amarelo :

O elo do amar;

O mar acariciado de sol e trigo

Acordado, banha-me o olhar

À noite, invade-me as narinas

- e nem me pergunta se quero :

Me nina

Surge o céu azul

E o elo os faz verdes

Enredam-se as trepadeiras

Livre associação

Uma impressão

segundos

Uma sensação

vida

Um segredo

nada

Um verão

sonho

Um inverno

passa

Um canto

branco

Um tudo

um pouco

De nada

de tudo

Falta

Do teu sangue bebi

Tu minha alma gêmea

E minha sede é agora eterna

Da tua boca ouvi tua voz

E agora nenhuma música mais me sacia

Mergulhando-me em vícios

Tento esconder o vazio da tua falta

Poluindo-me de sons tento dissipar

O silêncio da tua ausência

Quase bucólico

Trilhas
Moinhos
O mugido lânguido das vacas
O zunido das abelhas sobrevoando as flores
E o defunto boiando no rio

Sua carne está azul
Já semicarcomida por peixes e outros animais
Onde antes havia olhos
Agora acumulam-se algas

Seu odor é fétido
E repugnante
Das vísceras negras
Sobem bolhas e gases

As águas carregam o corpo
Que lentamente desaparece
No horizonte

Agora
Tudo o que se ouve
É o zunir das abelhas
E o mugido das vacas

Tudo o que se vê
São moinhos
E trilhas

Nada a dizer

A quem interessar possa:
(apesar do autor – logicamente com falsa modéstia –
descartar essa hipótese como bastante improvável)

Hoje, senhoras e senhores,
não tenho nada a dizer.

Nada?

Nada.

Eu poderia entregar-me a devaneios filosóficos a respeito do nada,
mas sejamos pelo menos uma vez práticos:
isso não nos levaria a lugar algum.

Portanto,
boa noite.

O som do silêncio

Uma quietude infinita
inunda a minha alma
e com uma paz absoluta
contemplo a existência :

ouço o arco-íris
e vejo o perfume das flores
respiro a terra
e toco o ar

paro os relógios
e caminho sobre as águas
vôo com os peixes
e nado com os pássaros

Se é imaginação ou se é realidade
isso eu não sei

só sei que é
e que só pelo fato de ser
já é maravilhoso

Relógio

tempo

tempo

tempo

tempo

tempo

tempo

tempo

tempo

O tempo tem pó

Vertigem

Ela, a dos lábios vermelhos e carnudos,
de voluptuosidade caleidoscópica,
sim!, como a desejam...
Porque ela é a doença
mas também o antídoto.

Como falou Zarathustra,
é preciso tornar-se um dragão
para não temer a serpente.

Alado, voarei por sobre a cidade
cuspindo fogo.

Ah, a vertigem dos que voam!

Amada, traz-me de volta à terra
com teus beijos;
faz-me carinhos e dize que estou em segurança!

(subitamente recuo,
pois o hálito de enxofre te denuncia).

Se vivo?
Não sei.
Mas vivo tentando.

Terra

A sempre difícil arte
de voltar ao que é essencial
quando tudo fica confuso
e já não se sabe
se se respira pelos olhos
ou pelo nariz.

Como é fácil perder o centro e,
sem gravidade,
deixar-se levar pela atração de qualquer cometinha que passa...

O gesto de Buda tocando a terra
ainda é um dos mais sábios.

Invenção

De dentro do tempo
criei-te
assim como criei-me outro
para contigo caminhar
num dos mundos
que então juntos criamos

Um ao outro nos inventamos
e esquecemos de desinventar:
amnésicos e apaixonados.

Batizei-me na tua religião
e tu te deixaste naturalizar em meu país
(com o detalhe que nem tua religião
nem meu país existem).

E agora aqui estamos:
perdidos mas felizes.
Ai de quem se atrever
a nos indicar a direção de casa!

Identidade

Transformei-me	Desconhecia	Pois
Naquilo	meu	hoje
Que	novo	tenho
Você	eu,	saudades
Queria	identidade	do
Que	estranha,	deus
Eu	e	que
fosse,	tinha	você
de	saudades	via
tal	do	em
modo	antigo.	mim.
que		
eu		
não		
mais		
me		
reconhecia		
no		
espelho.		

Surreal

Se foi apenas um sonho ou se realmente aconteceu,
isso eu não sei.

Só sei que a lembrança é clara, as cores vivas;
posso ver como se ainda fosse hoje:

nós dois na sala de estar,
eu sentado de frente para você,
o luar entrando pela janela, iluminando seu rosto
e banhando todo o seu corpo de prata.
Chamo, mas você não responde:
olha fixamente para a Lua,
totalmente esquecida do mundo
e alheia aos meus chamados.

Começo a preocupar-me,
pois sua pele ficou cinza, cinza-prata
- e não é apenas um efeito de luzes:
não, sua pele está realmente prateada!
E além disso há algo crescendo nas suas costas,
parecem, parecem - meu Deus, são asas!!!
Duas enormes asas, também prateadas!
(assusto-me tanto ao constatar isso que até derrubo a xícara de chá);
tento dizer alguma coisa, mas é tarde:
você bate as asas e sai pela janela,
voando rumo aos céus.

Fico olhando a cena, atônito,
enquanto você voa cada vez mais alto
em direção à Lua.
Aceno desesperado e grito pelo seu nome,
mas você nem sequer olha para trás;
aos poucos torna-se apenas um ponto luminoso na noite,
que depois de algum tempo desaparece por completo.

Estará você agora na lua?
Pretenderá você ficar lá para sempre?
E eu: que será de mim?

Volto a sentar-me e contemplo a outra poltrona, agora vazia.
Terá você também uma poltrona em sua nova casa lunar?
E ao abrir a janela, poderá você ver a Terra, iluminada no meio da noite?
É a Terra tão bonita quanto a Lua?

Aliás, você deve estar triste por não poder mais vê-la;
afinal de contas, como é possível ver algo quando se está em cima desse algo?
Mas eu a vejo – ah!, como a vejo – e procuro:
procuro o seu rosto na Lua.

Sinto tanto a sua falta...
Voe de volta para mim, voe. Por favor!
Sonho todas as noites que você volta,
entrando pela janela junto ao luar...

Bom, mas enquanto você não volta, escrevo-lhe cartas.
Se há novidades?
Sim, há algo que você, estando aí, não tem como saber:

a Lua está cheia.

Contemplação

O som do silêncio
penetra
no espaço absurdo
do cubo que é este quarto,
e esse silêncio tem o mesmo som
que tinha antes no lugar de onde vim,
com o mesmo tic-tac de relógio ao fundo...

Quão cheio de nada é o espaço!
Passamos a vida inteira tentando preenchê-lo
- preenchê-lo de nós –
e ao fim nos perdemos,
como um espelho mágico que,
jogado ao mar,
levasse junto a nossa imagem.

Cala-te! Nem pensa!
Qualquer palavra, ato ou pensamento
preencherá o vazio
e interromperá a comunhão.

Olha! Sente!
Quem olha vê, e verá
até a respiração das coisas.
O pulso.
O princípio.

Esvazia a tua alma e volta ao nada.
Somente com o copo vazio trarás água da fonte
e poderás então saciar a tua sede eterna.

Transcendência

Ao ter as sensações mais profundas
calei;

ao compreender o silêncio
falei.

Terei transcendido os contrários?
Terei transcendido a palavra e o silêncio?
Ou terei apenas corrompido esses momentos,
incapaz de lá permanecer?

Talvez sim.
Talvez não.

Também agora eu poderia ter me calado.

E, sem embargo,
falei.

Percepção

Hoje a neve esteve mais branca
e o silêncio mais sonoro.

Não quero mais esconder-me de mim.

Pois aquilo que até agora tanto procurei
- eu mesmo –
estive o tempo todo dentro de mim,
e se não o vi
é porque sempre esperei encontrá-lo fora, longe...

Mas agora já não há foras: só dentro.
E eu estou dentro de mim
- invariavelmente dentro de mim -,
o que me faz sentir pleno e feliz.

Pois agora ouço a neve
E vejo o som;
Vivo meus sonhos
E durmo tranqüilo.

Tarado

Palavras, palavras,
palavras e mais palavras,
meu Deus, quantas palavras!
Se a tua boca em vez de falar
ao menos me beijasse
ficaríamos certamente mais tranquilos e mais felizes.
Palavras, para que falá-las?
Beija-me e esquece toda essa filosofia.
Pois todo pensamento cessa com a ereção,
e para que falar da neurose provocada pela repressão da libido sexual
se podemos trepar?
Beija-me e não pensa.
Porque o pensar amarga a tua boca
e parte o coração ver tão lindos lábios
desperdiçando tempo com tantas palavras.
Você fala, fala, fala
e eu admiro os teus seios;
enquanto você fala agitada
eles sobem e descem, sobem e descem...
Lindos!
Você pergunta se eu concordo
e eu aceno que sim:
concordo que você tem seios lindos.
Palavras, tantas palavras!
Que desperdício...
Você acha que eu quero ouvir
e eu finjo que ouço.
Porque não somos sinceros
e vamos finalmente pra cama?

Arroubo

Longo tempo
Contemplei em silêncio
As teclas do piano

Quando finalmente comecei a tocar
Deixei-me levar pela música,
Insano e possuído

Toquei horas e mais horas
- O que toquei, já não lembro mais:
A música simplesmente saía de mim
Involuntária

Quando enfim parei
Ouvi novamente o silêncio
E a ele me entreguei com gratidão

Ainda podia ver os sons pairando no ar
Caindo lentamente como pingos de chuva
Fertilizando o silêncio em mim e à minha volta

Fechei os olhos
E meu coração continuou batendo
Noite adentro

Fins e Recomeços

A viagem termina
Lá onde cai o olhar
O olhar que vê o cinza na chuva transparente

A voz se cala
Na luz – que é fosca
A perna adormece
Na espera do presente

Quantas retas não tem a curva
Quantos cigarros já não abriga o cinzeiro

Lá onde começa o precipício
Terminam os trilhos
Lá onde o ouvido escuta o vento
E este nada lhe diz

Ausência é sua morada
Falta, o seu alimento

Da noite escura
Brota a aurora
- opaca

Os relógios, loucos
Marcam um tempo
Que não é:
Passa em branco
(um branco sujo)

No fundo do poço
O desespero
Na lama podre meu reflexo
- uma imagem vil

Asco
E ira
Me invadem

Da raiva vem-me a força
Que morre porém
No minuto seguinte

Do cansaço vem-me a tristeza
E da tristeza o amor
Que me faz reerguer o olhar
Em busca do céu

A viagem recomeça

Relatividade

Embarco no trem.
Não faço idéia do seu destino,
mas mesmo assim eu nele embarco.

Sul.
Sim, ele vai para o sul.
E onde devo saltar?
Não sei.
Saberei quando chegar a hora?
Talvez,
quem sabe...

Tudo o que sei é que ele corre, rápido,
e que talvez devido a isso
eu tenha a sensação de estar saindo do lugar,
a sensação de estar abandonando algo
- algo desagradável, naturalmente -,
e de estar indo ao encontro de algo novo
- algo melhor, naturalmente...

O trem corre e eu estou parado dentro dele.
Estou parado ou em movimento?

Como já observou um velho conhecido,
ser ou não ser,
eis a questão.

Ao dormir

É tarde da noite,
deito-me à cama.
Quero dormir
mas reluto em entregar-me ao sono,
pois resta do dia uma sensação de incompletude,
de haver deixado de fazer algo importante,
de haver passado o tempo sem tê-lo vivido,
uma sensação de não merecer o repouso
por não me haver entregue ao cansaço,
uma sensação de vazio
por não ter preenchido o tempo com minha presença,
uma sensação de perda
por minha presença ter sido tão ausente.

Entrego-me ao sono, mas com remorsos.
Quem sabe, porém, não serei nos sonhos mais eu?
Quem sabe não sonharei ser o herói
que durante o dia não fui?

Tintura

Se tingi de negro as águas
não foi pelo negro
mas sim pelo branco,
que pôde aparecer graças à escuridão.

Assim como as estrelas precisam da noite
para brilhar,
também eu me faço noite
para enxergar dentro de mim.

Procuro em mim algo que brilhe,
algo que produza luz e calor,
algo com o qual eu possa identificar-me mais
que com meu rosto.

Persigo porém vaga-lumes:
eles acendem, apagam,
mudam de lugar.
Acendo a luz para vê-los,
mas aí sim é que os perco definitivamente de vista.

Poeira

Um dia, folheando meus livros
- meus livros!, que tanto amo,
meus livros, que para mim são sagrados –
reparei que estavam cobertos de pó.
Assustado, fui abrir meus escritos,
e para meu horror também eles haviam embolorado.
Pensei em tomar alguma providência, mas é sabido:
ninguém vence o pó;
ninguém vence o tempo.

Somente a ação vence o tempo.
Vence porque é ela mesma o tempo.

Só não junta pó o que estou escrevendo;
aquilo que escrevi já está empoeirado.

Não confundam com arrogância,
mas quanto a mim,
não nasci para faxineiro.
Outros que peguem no espanador.
Prefiro escrever a mesma coisa dez vezes
a reler o já escrito.

Pois a tinta fresca tem mais brilho;
a tinta fresca tem mais vida.

E a minha vida,
- ah!, a minha vida!... –
essa não nasceu para o museu.

Salvator mundi

A luz clareou o azul
E o peixe brilhou no meio da noite
Das águas do tempo escorreram rios
Em mãos justas resplandeceu a espada dourada

Pelo arco-íris regressaram os naufragos
Das praias das terras do além
Pela espada dividiu-se o peixe
E as águas encheram-se de vida

A luz atravessou os mares
O arco-íris cingiu os peixes
No fundo do oceano
As ruínas de mil relógios

Os sinos da catedral
Anunciam a coroação
Pombos brancos cruzam os céus
- é um dia fantástico, sem dúvida!

Retorno
(para ser lido como um *rap*)

Quando era moço
Eu escutava essas histórias
De heróis cruzando os mares
Enfrentando mil azares
Só para voltar ao lar

Dragões, gigantes
Bruxarias delirantes
Terremotos, tempestades
Arrasando com as cidades
E a princesa pra salvar

Cresci afoito
Querendo chegar à idade
De viajar pra essas terras
Encontrar o meu destino
Viver minha realidade

Chegando lá
Só encontrei a mesma coisa
McDonald's, shopping center
Consumistas estressados
Sociedades decadentes

Viajei de novo
E de novo e de novo
E a todo lugar que eu ia
Me afligia essa mesmice
Essa chatice e caretice
De não sair do lugar

E foi então que eu resolvi olhar pra dentro
Bem lá dentro do meu ventre
Onde não havia mente
Só o instinto a hibernar

Cruzei os mares
Enfrentei os mil azares
Os dragões, as tempestades
E a vontade de voltar

Segui em frente
E encarei de frente a morte
Porque quem acha que é forte
Construiu uma couraça
Que é preciso derrubar

O mais difícil
Foi olhar pra mim no espelho
E descobrir que a magia
Que eu lá longe procurara
Havia estado escondida
O tempo todo no olhar

(refrão)
No olhar
No olhar
No olhar de quem olha

Havia estado o tempo todo
Escondido bem lá dentro
A sete chaves
Que o meu medo trancafiou

Esse era o medo
De aceitar minha verdade
Aceitar a minha vida
O meu corpo
O meu gosto
O meu eu
Minha ferida
Que já antes dessa viagem
Sempre estiveram lá

No olhar
No olhar
No olhar de quem olha

No olhar
No olhar
No olhar de quem olha
(repetir *ad libitum* e engatar num sambinha)

Jó

Existirá a escuridão?
Ou será a escuridão apenas a falta de luz?

L
U
Z
E
S

A sombra
de um
perfume

D
I
A
G
O
N
A
I
S

A sombra
de um
pensamento

A sombra
de um
arco-íris

A sombra
de um
som

Sombras

LUZES HORIZONTAIS

L
U
Z
E
S

A sombra
de uma
brisa

A sombra
de uma
lágrima

V
E
R
T
I
C
A
I
S

A sombra
de uma
sombra

Sonhos

Eu sonho
Tu sonhas
Ele sonha
Ela sonha
Nós sonhamos

“Perdão, mas quem é você?
Lamento, mas este é o meu sonho,
você vai ter que sair.

Ah, foi sem querer? (é o que todos dizem)
Então tá bom, não tem problema, imagine...”

Sonhos.
Com tanta gente sonhando ao mesmo tempo,
como não haver confusão?

Antigamente as pessoas tinham um sonho.
Um! Apenas um, que inveja!
Mas vieram os livros,
os filmes,
as pessoas começaram a ter mais de um sonho.
Na verdade muitos.
Pior até: descartáveis.
Diários.
Alugados, emprestados, vendidos, roubados.

Acaso você se lembra de seus sonhos de criança?
Eu queria ser escritor – só pensava nisso
(quem diria que me tornaria músico?)

Mais tarde veio o sonho do grande amor.
Não o encontrei.
Por isso hoje saio com todas
- todas ou nenhuma, que diferença faz?
É a mesma solidão.

Com tantos sonhos, acabamos por esquecer
quais são os verdadeiros
e quais os que nos foram empurrados goela abaixo.

Mas é tão difícil dizer não...
(e talvez só ao dizê-lo é que apareça o sim)

Sinto-me drogado.
E tenho medo do que poderei ver
quando passarem as alucinações
- isso se eu disser não às drogas.

A matéria é a droga.
Cria um véu – *sansara*.
E vicia:
quanto mais comida, mais fome;
quanto mais sexo, mais tesão.

Às vezes estou vil
e me pego nutrindo ódios.
Assisto então filmes de porrada.
É muito legal: porrada e sangue.
E depois assisto um pornô,
com muito anal e dupla penetração,
enquanto como dúzias de bolachas recheadas,
daquelas bem doces, com muitas calorias.

E assim vão se passando meus dias
minhas tardes
minhas noites

Mas ontem fui ao salão
e a cabeleireira me disse:
“nossa, quantos cabelos brancos!
Logo você vai ter que tingir.
E já viu que está começando a ficar careca?”

Impossível!!!
Ainda tenho meu jogo de *Lego* no armário!
E meus *Playmobil*! (até lembro dos nomes que dava a eles;
o mocinho sempre se chamava *Estrelando*
- sim, eu achava que era um ator muito famoso,
pois em todos os filmes era sempre o primeiro a ser anunciado)

E talvez venha amanhã meu médico
e me diga que tenho Aids, câncer ou leucemia!

Não, não tenho medo da morte.
Mas tenho medo de morrer, olhar para trás e pensar:
“Caralho, que porra é essa que eu fiz da minha vida?”
Disso eu morro de medo.

Tâmaras

Tâmaras:
ame-as ou faça com elas o que quiser.
Já com as tarântulas,
cuidado:
de suas bocas,
não se espere beijos doces.

E dos seios,
não se espere que sejam de queijo
(com isso sonham os ratos).
De preferência,
nada se espere,
nunca.

Pois quem espera
não alcança
(e quem procura
também não).

A solução?
Ação.

Ser no ato.
Não pensar
enquanto se amarra o sapato.
Papear com um ornitorrinco
e não se importar se ele usa brinco.

Quase um soneto

o cão sarnento no meio da praça
o cego esmolento na escada da igreja
o sino badala as horas cruas
cegas, surdas

[cála-te!

a cadeira vazia no canto da sala
o semáforo vermelho no fim da rua
o relógio de areia sem movimento, entupido

a praia distante no mar sem ondas
o absinto que entorna e embriaga o chão
tua mão me procura, me aninha, me afaga
[consola

a faca cega com medo do escuro
o vulto claro confundindo-se à areia
meia volta à meia noite, meio de lado
apoiado no tempo
("o diabo na rua
no meio do redemoinho")

Se

Avelã

Avestruz

Ave César

Ave Maria

Haveria ainda o céu,
não fossem as aves voando nele ?

Haveria ainda as religiões,
não fosse o medo da morte ?

Sentiria eu saudades
mesmo que você não tivesse ido embora ?

Papo de bêbado

É verdade: morri.
Não sabias?
Ainda ontem te beijava,
e hoje,
- hoje !...
Hoje já não sou mais eu.
Mas por perder a mim,
ganhei-me.

De presente de aniversário,
dei-me um maracujá
(fruta engraçada essa:
mais enrugada, mais gostosa fica;
êh, vida...)

Cajú.
Urubu nenhum eu vi
no meu enterro.
Nem eu quis ficar:
fui embora.
Coisa chata é enterro.

Já andar de bicicleta é gostoso:
faz vento no rosto,
esvoaça o cabelo.
Esquece-se de pensar.

Bom também é vinho tinto.
Seco, é claro.

Leite – vaca;
bordel;
pesca submarina.

Eu queria era casar com a professora do Chico Bento:
êta solteirona gostosa!

No mais, tudo bem.
Tudo bem.

Amnésia vital

Agora sei
porque nos é vedada a lembrança do Paraíso:
para suportarmos o mundo.

Eu tive um sonho uma vez.
Estive lá.
E senti coisas indescritíveis, maravilhosas.
Vi minha alma gêmea,
e essa visão foi o êxtase sublime.

Como fazer agora para acordar todas as manhãs?
Como?

Morte (2)

Em meus sonhos
a morte me procurou
Pensei: ela me quer
Fugi e me escondi
Veio-me o medo
e do medo a agressividade
- cheguei até a matar
E só então, as mãos empapadas em sangue,
percebi:
a morte era eu

Hermético

Nada mais escroto
que falar em “poesia hermética”;
hermético é o Hermeto,
eu sou albertético.

Loucura

Às vezes a sinto:
a loucura.

Não a poética, não a metafórica,
nem a de expressão, nem a simbólica.

A real. A de verdade.

Tenho medo.
Medo de perder o controle.

Preciso me agarrar.
Agarrar a amores, compromissos, leituras,
- qualquer coisa que dela me distraia.

Somente assim eu dela escapo
e a adio.

Até o dia em que a encararei de frente
e lhe direi: aqui estou, toma-me.

Mas e se não houver volta?
E se a viagem for só de ida?

Sou Odisseu:
agarro-me a mastros
e tapo os ouvidos
para não ser arrebatado pelo canto das sereias.

Dizem que elas devoram os homens
(que tesão!).

Sede

de silêncio estava eu sedento

e mesmo assim

bebi da palavra

Inseticida

Nem o teu sorriso congelado
na fotografia do porta-retrato
me faz lembrar de que um dia
fomos felizes.

Eras tão bonita...

Mas um dia acordei mal-humorado
e, ao ver-te, vi uma barata.

Tive asco, me esquivei de teus beijos;
não te esmaguei
mas fugi de ti
(ou de mim mesmo?).

Hoje olho para o porta-retrato
e a verdade é que não vejo nenhuma semelhança
entre teu rosto e o de uma barata,
Mas mesmo assim teu sorriso não convence.

Teu corpo, um dia meu,
deve estar agora nas mãos de algum cretino
(ciúmes? Não: apenas resquícios de posse).

Eu também, desde então, estive com outras:
algumas piores, algumas melhores,
enfim, todas diferentes
- o que não deixa de ser um elemento de igualdade
(bocas, peitos, bundas, coxas, vaginas...).

Rios de sêmen, rouge, batom, perfume barato...
Baratas!
Preciso de um inseticida.

Nudez

Aqui estamos:
tu e eu,
nus.

Eu te olho
tu me olhas
nós não nos vemos.

As carnes expostas
e, junto a elas,
os medos,
as inseguranças,
os complexos.

Nus.
Nus e não nos vemos.

Começamos jogos eróticos;
nos acariciamos,
nos excitamos,
nos amamos.

No calor do sexo,
na troca de suores,
no esforço
(principalmente o meu: quero impressionar-te!).
Por isso não me vê: vê apenas meu esforço.

Também eu não te vejo;
vejo a inibição em teu corpo,
preocupada estás em saber se ele me agrada.

Prosseguimos.
Pés em ponta, gemidos,
forte aperto das mãos.
Espasmos.

Tarefa concluída, suspiramos
- mais por alívio que por prazer.
E ainda não nos vemos.

Independentemente da verdade,
certificamos um ao outro o quanto foi bom.

A veste que nos reveste
é mais espessa que as roupas que agora jazem
mescladas ao pé da cama.

Quero tanto ver-te!
Não só o teu corpo,
mas tu inteira, revelada.
Tua nudez te esconde, quero achar-te.
Vejo de ti mil faces
mas não a primeira e última.

No meu querer ver
vedo ao olhar qualquer possibilidade
de visão.

Artificial

Café da manhã
em hotel.
Hotel de luxo – tudo muito bonito.
Através das paredes de vidro
vê-se o jardim de inverno
iluminado suavemente
pelo sol da manhã.
Sobre a mesa, flores.
Um arranjo muito delicado
- pena que sejam de plástico!

O que me chama a atenção, porém,
é que alguém se deu ao trabalho
de esborrifar-lhes água,
provavelmente no intuito de fazê-las parecer
mais vivas.

Realmente, olhando-as de relance,
poderia-se dizer que sim, que estão vivas.
Aquelas gotículas redondas sobre as pétalas,
esse sinal de cuidado e zelo...
Sim, parece.

Parece.

Canção do exílio

Minha terra tem palmeiras
onde canta o avestruz
- como ele foi parar lá em cima não sei,
só sei que dei um tiro e matei o desgraçado
que não parava de cantar *Nessum Dorma* desafinado.
Audácia, sô!
Ta achando que isso aqui é musical do Walt Disney?
Néver!
Cantô, se ferrô.
Ainda mais que ele tinha a voz do Mario Lanza!
Se tivesse a voz do Frank Sinatra eu até deixava, mas do Mario Lanza...

Acabemos com as palmeiras e com os avestruzes!
É a única forma de proteger nossos ouvidos.
e de proteger nossos carros contra seus ovos,
que como bombas caem lá do alto
quando das palmeiras levantam vôo
em desengonçada revoada.
Que perigo para os aviões!
Imagine que destino cruel
espatifar seu bimotor
contra um avestruz desgovernado.
Acabemos com eles destruindo seu habitat, digo eu:
moto-serra nas palmeiras!

Consciência

A consciência do fim
impede a plenitude do gozo,
e por saber o final da história
canso da minha personagem e dos seus enredos.
Quero fugir, dormir, morrer;
quero o silêncio das línguas cansadas;
quero voltar a não ser eu,
esse eu que não gosto e que me atormenta,
esse eu que não me obedece,
que sente e pensa coisas
que não quero pensar e sentir.

A percepção da realidade me é fugidia
e na maioria das vezes olho e não sinto o que vejo.
Como num sonho nebuloso, perdido vagueio.
Olho triste para o além,
clamo mas não respondem.
Querem que eu continue, censuram minha rebeldia.
Peço que me levem de volta
mas a resposta é silêncio.

Onde estou?
Sinto que enlouqueço.
A realidade me foge
e a alegria que alcanço construindo sonhos
alterna-se com a tristeza de sabê-los sonhos.

Diga

Diga!
Diga agora!
Amanhã será tarde,
amanhã será infinitamente tarde.

Amanhã é uma irrealidade
à qual jamais chegaremos.
Por isso diga agora.
Diga!
A palavra que morre na garganta
apodrece e vira um câncer.

Pela palavra não dita
murcham as flores sem terem sido cheiradas;
pela palavra não dita
permanece o mundo sem redenção.

Amanhã poderá o ser amado estar morto
e você carregará para o túmulo a palavra que,
por falta de coragem, não levou aos lábios.

Por isso diga.
Diga hoje e sem medo.
Pois a vida é tão curta!
É i n f i n i t a m e n t e

curta.

Pós tudo

Curioso...
Eu antes tinha tanto a dizer,
e agora...

Agora nada:
nenhuma mensagem
nenhum conselho
nenhuma poesia;
não me lembro mais dos livros que li
nem me interessa lembrá-los.
Não tenho mais projetos
nem sonhos nem metas:
apenas vou vivendo,
um dia após o outro
assim como que vive preso
numa cela sem calendário.

Os dias são iguais:
indiferença e ócio se confundem
e essa sensação não é nem boa nem ruim,
apenas é
e eu não sou bom nem ruim:
simplesmente estou aqui
assim...

Lá

Lá,

onde terminam as palavras,

lá somos.

E lá nos
encontraremos.

Carnaval

carnes e máscaras
misturam-se
multicoloridas dançantes mágicas
sambando o olvido da vida
diária

[oásis

percussões acelerando o sangue
giros rodopios desvarios
santidade visceral
de um êxtase onírico

[saudades

toda a vida
no espaço de uma avenida
no tempo de um desfile
no onde e quando
do impossível

o grito de guerra
descerrando o mito
a fantasia cobrindo o vazio
nossas mãos à procura
uma da outra

[multidão

tambores e bumbos
surdos e caixas
repiques e chocalhos

palhaços baianas guerreiros fantasmas crianças e velhos
xerife astronauta arlequins colombinas sacis pierrôs – todos!

todos lá estavam

menos você

Silêncio

Após o silêncio

ar
que se articula
no céu
da minha boca
na umidade
da minha língua
no branco
dos meus dentes
e vira som palavra sentido
articulando-se
no ar

ar que arde o fogo
sopra o vento
agita as águas
e acaricia a terra

ar que infla o verbo
e faz tornar passar criar

ar que me respira
que me nasce
e que me morre
e me arrepia

arrebatamento
envolto em silêncio

incenso ouro e mirra

tempo